

QUINTA-FEIRA • 24 DE MARÇO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30986
de 24 de Março de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

ENTREVISTA

ANA CARIDADE

EXPLICAR A DOR ÀS CRIANÇAS. O MUNDO MÁGICO DE MARA

— P. 4-5 —

DO “#JESUIS” AO “#PRAYFOR”



PAULO TERROSO

PADRE

Pouco mais de um ano depois do atentado terrorista ao semanário satírico francês *Charlie Hebdo*, em que ficou célebre o slogan cunhado sob a forma *hashtag*¹ “Jesuischarlie” (Eu sou *charlie*), já poucos se arriscam a ser uma outra coisa qualquer. Não porque escasseie a solidariedade para com as vítimas. Esta permanece intacta. Em Bruxelas, tal como em Novembro passado, nos atentados de Paris, foram muitas as pessoas que abriram as portas de suas casas para darem refúgio e abrigo a quem se encontrava sem transportes públicos para regressar a casa. Muitos taxistas transportaram pessoas sem cobrar as viagens. E a solidariedade *online* também não faltou. O *Facebook* activou a funcionalidade *Safety Check* (Centro de segurança), que permite, em caso de catástrofe natural ou de

origem humana, aos usuários da rede social informar os seus contactos que estão em segurança e ver se os outros também estão. No *Twitter*, líderes mundiais e uma multidão de anónimos repudiaram os atentados e manifestaram a sua solidariedade, com uma particularidade: as *hashtags* que se popularizaram foram “*PrayForBelgium*” (Reza pela Bélgica) e “*PrayForTheWorld*” (Reza pelo Mundo). Importa recordar que na sequência dos atentados de Paris, as redes sociais renderam-se à *hashtag* “*PrayforParis*”.

Uma das possíveis explicações para a passagem do “eu sou” para o “rezar por”, que provavelmente não resiste a um estudo científico, mas válida enquanto opinião, é que identificando-nos e solidarizando-nos com as vítimas (*Je suis*) rejeitamos qualquer ligação e/ou reminiscência com o que jornal *Charlie Hebdo* representa: provocação gratuita, agressividade verbal, linguagem abjecta e intolerância religiosa. Mas a explicação parece-nos insuficiente. Entendemos que o sentido profundo desta adesão ao apelo à oração, nestes casos concretos, corresponde a uma atitude fundamental do ser humano tão básica e natural quanto ter fome e sede, isto é, a de levantar os olhos para os céus à procura

de uma palavra, uma resposta, uma consolação, uma ajuda. É o nosso primeiro pedido de socorro. O reconhecimento da necessidade da intervenção de um Outro que venha em auxílio das nossas impossibilidades e a confiança de que as nossas preces serão atendidas. Como dizia Santa Teresa do Menino Jesus, a oração “é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o céu, é um grito de

gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria”. Não deixa de ser paradoxal que numa Europa laica, frágil, com mais problemas do que soluções, com leis cada vez mais restritivas para exercício livre e público da pluralidade das convicções religiosas, os seus cidadãos não só confiem no poder da oração como exercício activo de solidariedade, como aí encontrem um fundamento comum e pacífico para o seu futuro.



¹ *Hashtag* é uma etiqueta, palavra-chave, antecedida pelo símbolo #, muito usada nas redes sociais, que serve para categorizar informação e estar a par dos assuntos mais importantes do momento.

PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

22 Março 2016

Levemos a sério o nosso ser cristãos, comprometendo-nos a viver como crentes.

18 Março 2016

Quanto maior for o pecado, maior deve ser o amor que a Igreja manifesta em relação àqueles que se convertem.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

21 Março 2016

A resposta ao amor de Jesus por nós só pode ser desmesurada.



AFP

PAPA LAVA OS PÉS A
12 REFUGIADOS ESTA
QUINTA-FEIRA SANTA

O Papa Francisco celebra o rito do Lava-pés esta Quinta-feira, com 12 refugiados e refugiadas. A cerimónia realiza-se no centro de requerentes de asilo de Castelnuovo di Porto. A alteração da rubrica do *Missal Romano* relativa ao lava-pés, que põe fim à participação exclusiva de homens e rapazes nesta cerimónia, foi uma das mudanças levadas a cabo pelo Santo Padre. Ao invés de circunscrever-se aos “homens escolhidos”, o *Missal Romano* refere-se, agora, aos “escolhidos entre o povo de Deus”.



DR

CRISTÃOS DETIDOS NA
TAILÂNDIA SÃO MAIS
DE DUAS CENTENAS

A Fundação Ajuda à Igreja que Sofre assegura que “mais de duas centenas de cristãos paquistaneses”, que fugiram do seu país por perseguição religiosa, estão detidos na Tailândia. A fundação esclarece que embora a maioria seja requerente de asilo, tendo, por isso, direito a “assistência oficial”, há uma morosidade “enorme” no seguimento dos processos. Apesar do prazo oficial se fixar num máximo de 90 dias, há relatos de casos cujo processo demorou “mais de cinco anos”, o que deixa os requerentes numa situação ilegal.



ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS

DRAMA DOS MIGRANTES
É ALVO DE REFLEXÃO NA
VIA-SACRA DE ROMA

O drama dos migrantes, as perseguições religiosas, os judeus exterminados na II Guerra Mundial, as famílias em dificuldade, a precariedade laboral e o abuso de menores integram as problemáticas que serão evocadas ao longo da Via-Sacra do Coliseu de Roma, nesta Sexta-feira Santa — revelou a *Rádio Vaticana*. Os textos, que acompanharão cada uma das 14 “estações”, estão a cargo do cardeal Gualtiero Bassetti, da diocese italiana de Perugia. A celebração será presidida pelo Papa Francisco.

SERVI- R PARA LÁ DO ADEUS

JORGE VILAÇA

PADRE | COORDENADOR DA PASTORAL DA SAÚDE

“Para ser mais forte do que a morte, o amor há-de ser primeiramente mais do que a vida.”

J. Ratzinger

1. Até 10 de Abril pode ser visitada a exposição “Real Bodies” na Cordoaria Nacional, em Lisboa. Uma exposição de 350 órgãos e corpos humanos reais, tão fascinante quanto aterradora para sensibilidades mais impressionáveis. Uma viagem pela beleza do “bicho” que somos e, ao mesmo tempo, uma ocasião para questões existenciais igualmente prementes, sobretudo no contexto de outros debates actuais: somos só um animal biológico, um conjunto de tecidos e órgãos? Que(m) é o homem? Para que(m) somos? Até quando ou a partir de quando somos seres humanos? A respeito desta exposição, o Doutor Gentil Martins, homem de comprovada sabedoria técnica, humanista convicto e católico confesso, afirmava radiofonicamente,

presumidos dadores – mas de qualquer forma benéfico, expressando solidariedade, responsabilidade social e sobretudo interesse por salvar outras vidas. Uma forma de amar, diríamos. Assunto pacífico para grande parte das religiões: a gratuidade e a dádiva fazem parte dos valores que assumem, concretamente no caso de órgãos do corpo humano para transplante. Mais ainda, esta é uma prática maioritariamente recomendada e enaltecida por essas. Conclusão: Portugal, em 2015, conseguiu atingir a melhor taxa de dadores de órgãos por milhão de habitantes dos últimos 5 anos (dados do IPST), mantendo-nos numa posição interessante a nível europeu, ainda que muito longe do que seria desejável.

3. Estamos medianamente entendidos em relação à doação de órgãos. Continuamos a maravilhar-nos diante do mistério que é o corpo humano. Mas, como nos entendemos em relação à doação do corpo, depois da morte, para fins de investigação científica? Cumpridos dignamente os rituais eventualmente previstos, observadas as condições legalmente sinalizadas (DL 274/99 de 22 de julho), não seria de superior interesse para o conhecimento do ser humano a doação do corpo (depois da morte) a uma escola de medicina, com finalidade pedagógica? Dizem os entendidos que é de todo mais proveitosa a prática clínica em cadáveres humanos, quer por razões científicas, quer por razões de afinação do humanismo exigido para cuidar dos vivos. Na prática, é possível fazê-lo: basta manifestar o desejo, em vida, de doação do corpo à ciência, preenchendo os impressos disponibilizados por várias Faculdades de Medicina.

Segundo a informação disponível, no entanto, são poucos os voluntários... E mesmo esses, não raras vezes, são desrespeitados, pelos vivos, nas suas vontades.

4. Existimos enquanto corpo, é certo; prezamos o respeito máximo pelos que nos morrem, oxalá assim seja. Não apreciamos o tema da (nossa) morte, é compreensível. Não esqueçamos, contudo, que os cemitérios existem para os vivos e só para eles. E que o nosso corpo, para lá do adeus, pode servir para dar mais Vida aos que nos sobrevivem. Religiosamente, recordemos: ressurreição não é reanimação do cadáver (basta atendermos à prática de veneração de relíquias de santos que estão dispersas pelo mundo). Em Jesus, ressurreição é vida nova. E só o amor, a dádiva total, vence a morte. E podemos, também dando o que sobra de nós, amar os vivos, para lá do adeus.

como quem talha preconceitos de forma cirúrgica: “Depois de mortos não servimos para nada”.

2. Em Portugal, somos todos, à partida, dadores de órgãos e de tecidos com finalidade diagnóstica ou terapêutica – depois da morte – a não ser que declaremos expressamente o contrário ao Registo Nacional de Não Dadores (RENDA). Uma prática eticamente equívoca - entre outros motivos porque não somos dadores, o que suporia a manifestação da vontade, mas

ARQUITECTURA: IGREJA DOS DOMINICANOS



PEDRO CRUZ

ARQUITECTO

“Uma porta por vezes se encontra; abrimo-la, estamos noutros lugares, aí onde se encontram os deuses, aí onde estão as chaves dos grandes sistemas. Essas portas são as dos milagres.”



No terceiro capítulo do *Modulor*, dedicado às matemáticas, *Le Corbusier* fala de reencontros entre o que é apreensível e o inatingível, que se dão no “país dos números”, depois de passarmos a porta dos milagres. Nesse estádio, não é mais o homem que comanda, diz. Às portas da Igreja do Convento de S. Domingos, no Alto dos Moínhos (Benfica, Lisboa) preparamo-nos para entrar noutros lugares. Duas grandes portas em cobre que se abrem sobre uma caixa de betão. Lembram-me sempre uma possível porta dos milagres. Provavelmente porque a própria igreja, a caixa de betão, remete para a igreja do convento, também dominicano, de *La Tourette* (cfr. Igreja Viva 20/09/2014). Por sua vez, e sempre no imaginário corbusiano, esta igreja evoca “a caixa dos milagres”. O purismo formal e conceptual tem aqui expressão plena: esta igreja aparece formalmente com a pureza de um só volume em betão bruto e conceptualmente remete para a *Boîte à Miracles* que o mestre desenvolveu como ideia para uma sala de teatro, mas que afinal era muito mais que isso, ligando teatralização e liturgia. *La Tourette* é referência incontornável, mas mais o é para esta obra quando sabemos que os dois jovens arquitectos

portuenses, que em 1989 ganharam o concurso público de arquitectura para o Convento e Centro Cultural Dominicano para o Alto dos Moínhos, empregaram o prémio numa viagem ao norte da Europa, que por lá passou.

José Fernando Gonçalves (1963) e Paulo Providência (1962) conseguiram o primeiro lugar recém-licenciados e assim se lançaram na prática profissional. O projecto previa quatro etapas de construção: Residência Conventual, Igreja Conventual, Centro Cultural e Residência Universitária. Ainda só as duas primeiras foram realizadas, em 1994 e 2007. Este dado é especialmente importante por dois motivos. Por um lado, como evocação de incompletude, condição a que as obras, projectistas, donos de obra, estão sujeitos – porque *não é o homem que comanda*.

Por outro lado, importa ter presente a unidade do conjunto para conseguir uma melhor compreensão do edificado no sítio. O lote localiza-se num nó urbano de via rápida e apresenta um grande declive para a estrada. Por este motivo, o projecto foi estruturado por um eixo longitudinal materializado num corredor e galeria que termina na escadaria de ligação à cota baixa e que amarraria todos os volumes. Residência e Igreja, porém, implantam-se ao fundo e o que recebe para já o visitante é um intrigante vazio.

Atravessando assim o misterioso corredor descobrimos uma possível caixa dos milagres.



“É MAIS DIFÍCIL EXPLICAR A DOR AOS ADULTOS DO QUE ÀS CRIANÇAS”

ANA CARIDADE

A na Caridade cruzou dor, fantasia e amor para criar “A Melodia de Mara”. Através de um mundo encantado, explica às crianças como é viver com a doença e a dor. A história de Mara é também a história de Ana. Professora de Educação Moral e Religiosa, a autora é portadora de fibromialgia. “Já achei isto de viver com fibromialgia muito difícil. Hoje, vejo como um desafio diário, uma superação”, revela.



COMO SE EXPLICA A DOR ÀS CRIANÇAS?

É algo que não é fácil, mas é simples, é uma dualidade que tenho descoberto. Acho que é mais difícil explicar a dor aos adultos do que às crianças. As crianças, dentro deste mundo imaginário e metafórico, acabam por entrar mais facilmente na questão da dor. Tenho tido mais receptividade e um *feedback* mais positivo da parte das crianças do que dos adultos. Se lhes dermos espaço, elas falam das emoções e do sofrimento, ou da dor – não gosto de falar de sofrimento, o sofrimento é uma coisa que nós alimentamos, a dor é algo que existe em nós, ou que vai existindo ao longo da nossa vida. As crianças têm tido uma receptividade bastante positiva relativamente ao “falar da dor” e ao

abraçarem o livro e fazerem a viagem com a Mara.

PARA ESCREVER O LIVRO, INSPIROU-SE NA SUA HISTÓRIA PESSOAL?

Sim, isto é baseado na minha história real, exactamente no primeiro dia em que eu caio na escola. Escrevi o livro olhando-me como uma criança, olhando para a minha criança interior, para a minha menina, porque quando estamos mais frágeis, a criança que temos dentro de nós clama afecto, atenção, ajuda. (...) Por isso, tudo aquilo que eu descrevo foi algo que aconteceu, claro que um bocado fantasiado, num mundo mágico. (...)

A FIBROMIALGIA CONDICIONA A SUA VIDA E AS SUAS OPÇÕES?

Sim. Condiciona o meu dia-a-dia. Já achei isto de viver com fibromialgia muito difícil. Hoje, vejo como um desafio diário, uma superação. Nem sempre é fácil acordar. Antigamente, acordava com uma grande alegria, saltava da cama e ia logo para o banho. Agora, tenho que acordar e sair da cama com calma, principalmente no Inverno. Em alguns dias tenho aulas às 8h30 e é a pior coisa que me podem fazer porque eu preciso de 2h/3h para entrar no meu ritmo normal. Durante o dia tenho que ter momentos de paragem, porque as dores ainda consigo suportar – é algo que já faz parte de mim, já não me incomoda – mas o cansaço incomoda-me muito. É o querer subir umas simples escadas para ir para a sala dos professores e ter que o fazer com muita calma, porque as minhas pernas são como o rouxinol – é uma personagem do livro, um burrito mirandês que é “teimosinho” (risos) – elas são teimosas para subir. (...) Passo muito tempo a estudar, para conseguir essa superação e ter qualidade de vida, porque, por mais que aceite a doença, não me resigno a ficar deitada numa cama com dores. Então, procuro sempre soluções para conseguir ultrapassar as dificuldades, através do estudo, da experimentação, de tudo o que eu aprendi na minha vida, desde o yoga, dança,

musicoterapia, taças tibetanas. Tudo isso eu aplico em mim. (...) Procuro o pensamento positivo. Chorar quando tiver que chorar, também é preciso. Pedir ajuda. (...) O exercício físico também ajuda muito. É a coisa que

AS ILUSTRAÇÕES DE “A MELODIA DE MARA” SÃO DA AUTORIA DE JOANA RITA.

mais me custa porque o cansaço é muito, mas é das nossas maiores curas. (...) Procuro muito a natureza. O livro também fala dessa busca do orgânico, da natureza, dos sons que acalmam.

PASSOU PELA EXPERIÊNCIA DE VIVER SEM A DOENÇA. O FACTO DE SABER QUE TEM FIBROMIALGIA FAZ COM QUE ENCARE O MUNDO DE UMA FORMA DIFERENTE?

(...) Tem-me ensinado a amar a vida outra vez, mesmo na dificuldade. Estou muito mais carinhosa, afectuosa, com mais amor dentro de mim, muito mais grata por tudo. Dou valor à vida como não dava. Eu desisti de viver quando tive a minha primeira paralisia de cansaço, de tanta dor, mas fui reaprendendo a viver. Agora, sou



Sinopse do livro

“A pequena Mara, num dia soalheiro, inicia a sua experiência com a doença no momento em que as suas pernas paralisam. Vivencia uma aventura na busca de uma melodia que apazigua a sua dor e a leva a um mundo tão belo e mágico no âmago de uma clareira. Encontra um rio, seu grande mestre, lur o mago de barbas grisalhas e tantos outros seres que vivem ao serviço de uma Árvore Sagrada e sábia que conhece os caminhos mais profundos para o encontro com a alma...”



muito grata por tudo, por este lugar magnífico, por estar aqui com vocês, por poder ir dar aulas – por mais que me custe – por poder comer, por ter os meus médicos, que são incríveis, por ter a possibilidade de pagar os tratamentos, por ter mente aberta para experimentar, pelas pessoas que me rodeiam, por poder sorrir para alguém que está a viver com dor. Tanta coisa mudou em mim... Sou professora de

é para morrer, que morra. Se não é para morrer, ensina-me a viver”. E foi aí, quando eu me abandonei completamente, que acho que saíram muitas das minhas resistências, dos meus boicotes a mim própria, da minha lamentação e do “coitadinha porque tem uma doença”, que deu lugar ao “não, vamos lá viver, vamos lá superar”. Isto não mata, isto magoa mas não mata, não é uma doença degenerativa, é limitativa mas não me priva de ser eu própria, de poder estar aqui, de poder caminhar. Mesmo que fique deitada dois ou três dias na cama, não interessa, estou lá, posso ler, posso ver algo que me satisfaça. Se me perguntarem se eu prefiro a outra Ana, eu digo que não. Gostaria que fosse mais leve, mas se calhar preciso de passar por isto. E aceito. Aceito como mais uma provação.

ALGUMA VEZ FOI ALVO DE DISCRIMINAÇÃO POR CAUSA DA DOENÇA?

Sim, da doença, da diferença. (...) No dia-a-dia sinto discriminação, sinto que as pessoas vão pelo mais fácil e tudo o que seja mostrar-lhes alguma dificuldade, elas fogem. Não vejo isso como algo mau, vejo como incapacidade das pessoas em lidar com a própria dor, porque não é fácil. Antes de eu sentir esta dor, trabalhava com dor profunda, com toxicodependentes, alcoólicos e mulheres vítimas de abuso e de grandes traumas. Foi a minha grande aprendizagem a lidar

com a dor, o que não foi fácil para mim também, mas acho que foi um estágio bom para aquilo que eu hoje estou a passar. Ensinou-me como ultrapassar essa fronteira e conseguir transformar a dor em amor. Eu acho que a grande vitória da superação da dor é exactamente superá-la para o amor e para a compaixão.

ACREDITA QUE AS CRIANÇAS PODERÃO SER OS VECTORES DE UMA MUDANÇA DE PARADIGMA NA FORMA COMO A DOENÇA E A DIFERENÇA SÃO ENCARADAS?

Sim, acredito que mais do que os adultos. Eu aposto muito nas crianças. Digo sempre que elas são o nosso futuro. Nós temos que ajudá-las a perceber que futuro é que podem ser, mas como facilitadores, não como castradores. (...) Acredito que as crianças são o motor da diferença e nós podemos ajudá-las mostrando-lhes o outro lado deste sistema. (...) Para mim, colocar as pessoas que sofrem, que têm dor, que são diferentes, de lado não é o mais correcto. E nós sabemos que isto é real, que temos uma sociedade altamente discriminatória nesse sentido. Por mais que agora se trabalhe a inclusão,

METADE DO VALOR ANGARIADO COM AS VENDAS DO LIVRO REVERTE PARA FINS SOLIDÁRIOS.

ela ainda está muito longe de ser real. Eu acredito nela, mas ainda está longe, porque a sociedade está muito ligada aos conceitos de massificação e daquilo que é a produtividade, e não propriamente daquilo que é o ser. É esta mudança de paradigma pela qual eu estou a dar a cara. Sei que não mudo o mundo, mas pelo menos vou deixando sementes e lançando mensagens. Quem quiser e se revir nelas, que siga. Quem não quiser, que siga também.



“A MELODIA DE MARA” SERVE DE BASE A UM PROJECTO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA ASSENTÊ NUMA “PEDAGOGIA VIVENCIAL, EXPERIMENTAL E SENSORIAL”, QUE SE ENCONTRA EM FASE DE TESTE.

Moral há 19 anos e acho que só tenho realmente fé, fé em Deus e fé na minha missão, desde que desisti de viver e me deitei no chão da minha casa, no sítio onde eu tenho o meu espaço de meditação, de oração, e disse: “Deus faz de mim o que quiseres, se



ENTREVISTA MULTIMÉDIA
www.arquidiocese-braga.pt

“EU VOS ENVIO A VÓS”

II DOMINGO DA PÁSCOA



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Eis o dia que o Senhor fez*, J. Santos (IC, p. 291 / NRMS 17)
- **GLÓRIA:** F. Santos (NCT 83)
- **APRES. DOS DONS:** *A misericórdia do Senhor*, F. Lapa (*Libellus Usualis*, 2015)
- **COMUNHÃO:** *Aproxima a tua mão*, F. Santos (BML 66)
- **PÓS-COMUNHÃO:** *Hino do Ano da Misericórdia*
- **FINAL:** *Regina coeli*, (NCT 205)

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do II Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor (*Missal Romano*, pp. 335-336).
 Prefácio do Tempo Pascal I (*Missal Romano*, p. 469).
 Oração Eucarística III (*Missal Romano*, p. 529ss).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Actos 5, 12-16

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Pelas mãos dos Apóstolos realizavam-se muitos milagres e prodígios entre o povo. Unidos pelos mesmos sentimentos, reuniam-se todos no Pórtico de Salomão; nenhum dos outros se atrevia a juntar-se a eles, mas o povo enaltecia-os. Uma multidão cada vez maior de homens e mulheres aderiu ao Senhor pela fé, de tal maneira que traziam os doentes para as ruas e colocavam-nos em enxergas e em catres, para que, à passagem de Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles. Das cidades vizinhas de Jerusalém, a multidão também acorria, trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros e todos eram curados.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 117 (118), 2-4.22-24.25-27^a (R. 1)

Refrão: Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia

LEITURA II Ap 1, 9-11a.12-13.17-19

Leitura do Livro do Apocalipse

Eu, João, vosso irmão e companheiro nas tribulações, na realeza e na perseverança em Jesus, estava na

ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. No dia do Senhor fui movido pelo Espírito e ouvi atrás de mim uma voz forte, semelhante à da trombeta, que dizia: “Escreve num livro o que vês e envia-o às sete Igrejas”. Voltei-me para ver de quem era a voz que me falava; ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, alguém semelhante a um filho do homem, vestido com uma longa túnica e cingido no peito com um cinto de ouro. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Mas ele poisou a mão direita sobre mim e disse-me: “Não temas. Eu sou o Primeiro e o Último, o que vive. Estive morto, mas eis-Me vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e da morada dos mortos. Escreve, pois, as coisas que viste, tanto as presentes como as que hão-de acontecer depois destas”.

EVANGELHO Jo 20, 19-31

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja

convosco”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: “A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”. Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos”. Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe os outros discípulos: “Vimos o Senhor”. Mas ele respondeu-lhes: “Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e a mão no seu lado, não acreditarei”. Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez em casa e Tomé com eles. Veio Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-Se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco”. Depois disse a Tomé: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente”. Tomé respondeu-Lhe: “Meu Senhor e meu Deus!”. Disse-lhe Jesus: “Porque Me viste acreditaste: felizes os que acreditam sem terem visto”. Muitos outros milagres fez Jesus na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome.



ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Missão.

CARACTERÍSTICA

Acolher a paz que a presença do Ressuscitado faz sentir na nossa vida e na missão que nos confia.

CONCRETIZAÇÃO: O coração de cada um de nós, como verdadeiros discípulos missionários, fez caminho de abertura à purificação operada pela graça misericordiosa de Deus; agora, impulsionados pela força e pela Paz do Ressuscitado, sentimo-nos enviados em missão. Para significar este dinamismo vamos, esta semana, escrever no “coração” a palavra PAZ e acender, após a admoção final, uma pequena vela a partir do Círio Pascal, que ficará, juntamente com dois pés, na proximidade da palavra.

MISSÃO

Nesta semana, poderemos redescobrir e reafirmar, “mostrando” um pouco mais da alegria da nossa fé de baptizados... Vamos cultivar o sentido da presença de Jesus ressuscitado no concreto da vida quotidiana: família, trabalho, escola, escritório, fábrica, bairro... Com o Domingo da Divina Misericórdia a abrir esta semana, imbuídos ainda com a alegria do anúncio Pascal, esta semana poderemos procurar/investigar uma foto da Visita Pascal e, com alegria, publicá-la nas redes sociais, com esta oração de acção de graças: “Obrigado Jesus Ressuscitado, pois és o rosto da Misericórdia”.

REFLEXÃO

O “Domingo da Divina Misericórdia” evidencia a alegria da fé, a alegria do “encontro” com o Ressuscitado (Evangelho), a alegria de nos sabermos amados e perdoados, a alegria de nos reunimos em Igreja para dar graças pela misericórdia de Deus (salmo). Com os novos baptizados, celebramos o “oitavo dia”, purificamos a nossa fé alicerçada na acção (primeira leitura) e nos escritos (segunda leitura) dos Apóstolos. E abrindo os nossos corações ao Espírito Santo, recebemos o dom da paz e somos contados entre aqueles que Jesus Cristo proclama felizes, dispostos a anunciar a alegria da fé.

“Uma multidão... aderiu ao Senhor pela fé”

Jesus Cristo ressuscitou e os seus discípulos receberam a missão de anunciar o Evangelho a todas as pessoas. Após a ressurreição, Jesus Cristo passa de “anunciador” a “anunciado”. O livro dos Actos dos Apóstolos descreve como se vivia com ardor e eficácia o primeiro anúncio do Evangelho. Aos nossos olhos, parece uma missão impossível: os primeiros discípulos são pessoas simples, sem formação nem qualquer tipo de base organizacional. Contudo, os passos dados nos inícios da comunidade cristã são prodigiosos: “Uma multidão cada vez maior de homens e mulheres aderiu ao Senhor pela fé”. A Igreja é obra do Ressuscitado. A missão nunca foi fácil. Não o é agora (dizemos nós), mas também não o foi na época do Iluminismo, nem na Idade Moderna, nem na Idade Média, nem sequer nos primeiros dias. O “sumário” proposto para primeira leitura do Segundo

Domingo de Páscoa (Ano C) descreve a vida da Igreja de Jerusalém, especialmente a sua actividade: produzem-se “muitos milagres e prodígios” resultado do poder de Jesus Cristo que actua através dos Apóstolos. Os “outros” sentem um grande respeito e não se atrevem a aproximar-se dos crentes, porém “o povo enaltecia-os”. O resultado é que há uma adesão “cada vez maior” à comunidade. A actividade terapêutica é descrita com as mesmas palavras do Evangelho (cf. Lucas 6, 17-19), um detalhe que ajuda a clarificar que Jesus Cristo não ficou prisioneiro da morte: o seu ministério de cura continua nas “mãos” dos Apóstolos. A missão inclui anúncio e gestos de cura. Estamos a celebrar o Ano Santo da Misericórdia. “Presente no coração de muitos está esta pergunta: «Por que motivo um Jubileu da Misericórdia, hoje?» Simplesmente porque a Igreja é chamada, neste tempo de grandes mudanças epocais, a oferecer mais vigorosamente os sinais da presença e proximidade de Deus. Este não é o tempo para nos deixarmos distrair, mas para o contrário: permanecermos vigilantes e despertarmos em nós a capacidade de fixar o essencial. É o tempo para a Igreja reencontrar o sentido da missão que o Senhor lhe confiou no dia de Páscoa: ser sinal e instrumento da misericórdia do Pai (cf. João 20, 21-23). [...] Um Ano em que sejamos tocados pelo Senhor Jesus e transformados pela sua misericórdia para nos tornarmos, também nós, testemunhas de misericórdia. Eis o motivo do Jubileu: porque este é o tempo da misericórdia” (Francisco, 11 de Abril de 2015).

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Privilegiar o rito de aspersão

Como sinal da misericórdia que brota do coração de Jesus, pode fazer-se a bênção da água, com a oração própria para o Tempo Pascal do formulário II, à qual se seguirá a aspersão da água (*Missal Romano*, p. 1363ss).

Ritos finais

Nos ritos de conclusão, no “Ide em paz”, acrescenta-se “Aleluia. Aleluia”.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos:

Nestes dias santíssimos da Páscoa, elevemos a nossa oração ao Pai de Misericórdia pela Igreja e pelo mundo, dizendo (ou cantando), com toda a confiança:

R. *Pela ressurreição do vosso Filho, dai-nos a vossa Paz, Senhor.*

1. Para que os bispos, os presbíteros e os diáconos da Igreja sirvam os crentes e os que procuram a Cristo, ensinando, perdoadando e dando a paz, oremos.
2. Para que os responsáveis no governo das nações trabalhem, sem perderem a coragem, pelos mais pobres e por maior justiça, oremos.
3. Para que os idosos e os doentes sem esperança encontrem a seu lado quem os ame e lhes dê a conhecer o Evangelho, oremos.
4. Para que Jesus, que esteve morto, mas está vivo, e tem as chaves da morte e do abismo, ilumine os corações dos que não crêem, oremos.
5. Para que a nossa comunidade aqui reunida acolha a salvação e a misericórdia que Deus lhe dá e se deixe renovar por Jesus Cristo Salvador, oremos.

Senhor, nosso Deus e nosso Pai de Misericórdia, fazei que o Espírito de Cristo ressuscitado nos revele a plenitude da sua Páscoa e inspire os nossos gestos e palavras, para sermos suas testemunhas. Ele que vive e reina por todos os séculos dos séculos.

ADMONIÇÃO FINAL

“Como são belos os pés que anunciam... a PAZ!”
Somos convidados a acolher a paz que a presença do Ressuscitado traz à nossa vida.
Que a Misericórdia de “Jesus, Filho de Deus, Salvador” nos alegre e fortaleça na nossa missão e no serviço!

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene do Tempo Pascal (*Missal Romano*, p. 558).



AGENDA

ATÉ 11.04.2016

EXPOSIÇÃO "FARRICOCOS E FOGARÉUS"

Museu da Imagem

24.03.2016

MISSA CRISMAL E BÊNÇÃO DOS SANTOS ÓLEOS

10h00 / Sé Catedral

PROCISSÃO DO SENHOR "ECCE HOMO"

22h00 / Igreja da Misericórdia

LAVA-PÉS E MISSA DA CEIA DO SENHOR

16h00 / Sé Catedral

25.03.2016

CELEBRAÇÃO DA MORTE DO SENHOR

15h00 / Sé Catedral

PROCISSÃO DO ENTERRO DO SENHOR

22h00 / Sé Catedral

26.03.2016

VIGÍLIA PASCAL E PROCISSÃO DA RESSURREIÇÃO

21h00 / Sé Catedral

27.03.2016

MISSA SOLENE DO DOMINGO DE PÁSCOA

11h30 / Sé Catedral



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
 Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
 Design: Romão Figueiredo
 Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
 Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

O ESPOSO DE MARIA
A ESPOSA DE JOSÉ

Esse encontro que todos procuramos
 Para nos entregar confiadamente
 E prosseguir no decorrer dos anos
 Mais para além do tempo, eternamente...

O nó do compromisso que ansiamos
 Num rumo novo fervorosamente
 Sem deixar de crescer, sem desenganos
 Na fusão meiga dum amor ardente;

S. José o achou na união
 Com a Imaculada Conceição
 Da sempre Virgem Mãe de Nazaré;

E a Santidade plena, a Mãe Santíssima,
 Achou-o na ternura suavíssima
 Da sua mão na mão de S. José.

Valdemar Gonçalves

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O
CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Encontram-se abertas as inscrições para o Congresso Eucarístico Nacional, que este ano se realiza em Fátima, no Centro Paulo VI, de 10 a 12 de Junho.

O tema escolhido para este ano é "Viver a Eucaristia, Fonte de Misericórdia". Esta iniciativa situa-se no contexto da celebração do Ano Jubilar da Misericórdia e do Centenário das Aparições de Fátima, em 2017.

O congresso destina-se especialmente aos agentes pastorais que estão ao serviço das paróquias e comunidades: sacerdotes, diáconos, leigos e membros de institutos de vida consagrada.

Estarão presentes figuras como D. João Braz de Aviz, prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica e o Arcebispo italiano, D. Piero Marini, presidente do Comité Pontifício para os Congressos Eucarísticos Internacionais.

O programa conta, para além das conferências, com momentos de convívio e celebração.

Este evento é promovido pela Conferência Episcopal Portuguesa, em parceria com o Secretariado Nacional do Apostolado da Oração e o Santuário de Fátima.



As inscrições podem ser efectuadas até ao dia 31 de Maio, na página oficial do Congresso Eucarístico Nacional (www.congressoeucaristico.pt)

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



PAPA FRANCISCO

A MISERICÓRDIA
MUDA O
CORAÇÃO

No contexto deste ano de Jubileu Extraordinário da Misericórdia surge o livro "A Misericórdia Muda o Coração", que compila alguns dos discursos proferidos pelo Papa Francisco durante o *Angelus* e as Audiências Gerais. "Com efeito, o sinal visível que o cristão pode manifestar para testemunhar o amor de Deus ao mundo, aos outros e à sua família é o amor pelos irmãos. (...)", pode ler-se no prefácio do livro, cuja citação remete para o discurso proferido pelo Papa Francisco no *Angelus* de 26 de Outubro de 2014.

PVP
 € 9,80
 10%*
 Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 24 a 31 de Março de 2016.